



### TÓPICO 3 O Currículo e os Planos de Ensino no Processo de Aprendizagem

Na perspectiva da educação geográfica, os conceitos geográficos e cartográficos poderiam ser pautados em um plano de ensino, quando, por exemplo, se propõe a ler os fenômenos geográficos em diferentes escalas. Deve-se, portanto, mobilizar o aluno para que faça a leitura do cotidiano, que o auxiliará no entendimento da realidade, e comparar essa leitura com a de outros lugares, notando as semelhanças e diferenças entre eles.

No nosso entendimento e no de González (1999), pode-se organizar um curso de Geografia escolar considerando:

- As finalidades educativas gerais do sistema escolar nas quais se inserem os conteúdos geográficos;
- As metas educativas da etapa e da área de conhecimento nas quais se inserem os conteúdos geográficos;
- As metas educativas da escola que estamos trabalhando, o que poderá ajudar na escolha dos conteúdos;
- A escolha da metodologia, que seja coerente com a concepção que se está desenvolvendo em Geografia e, assim, definir a sequência de conteúdo e a coerência em ordem crescente de dificuldade do que será trabalhado;
- O interesse de cada atividade didática por meio da explicação de seus objetivos em relação ao seu fio condutor.
- Esse exemplo de organização de um curso de Geografia na escola mostra de que modo, ao se estabelecerem objetivos, metas e finalidades da área, as escolhas didáticas, entendidas como um caminho mais adequado para estruturar a aula, podem ajudar a atingir a aprendizagem.

Os objetos de aprendizagem e os núcleos conceituais da Geografia escolar partem de uma abordagem filosófica comprometida com a realidade social. É por conta disso que muitas vezes, em situações fora da sala de aula, podem-se propor discussões de alguns conceitos

que seriam universais, como os relacionados a questões ambientais, por exemplo, meio ambiente, modos de produção, acordos ambientais, desenvolvimento e países emergentes.

Entendemos que tratar do domínio dos saberes não é somente aplicá-los de maneira mecânica em situações do cotidiano, mas compreendê-los para construir sentido e coerência ao aplicá-los.



O desafio para o professor está na mediação entre o saber acadêmico e o saber escolar (ensinado), na medida em que deve incorporar as mudanças propostas pelo sistema escolar e organizar o currículo com base nos pressupostos teórico-metodológicos da geografia.

Buscamos, portanto, um desenho curricular que relacione teoria e prática, estimulando um processo no qual a aprendizagem significativa se contraponha a uma abordagem repetitiva, com um método de ensino que substitua as práticas viciadas em memorização, com atividades associativas e de repetição, que visam apenas à apreensão das informações.

Espera-se, em uma prática de ensino mais dinâmica, que o aluno possa não só dar significado ao que está sendo ensinado, mas também compreender isso. Ao se optar por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e lance mão do conhecimento aprendido para analisar a realidade, local ou global; muitas vezes, é necessário ter uma referência na história, no passado e em outros lugares do mundo, para estabelecer relações com o local e compreender o entorno.

Nessa perspectiva, é condição para a ocorrência de uma aprendizagem significativa não só a estrutura do conteúdo, mas o modo como ele será ensinado, a proposta didática para estimular as estruturas cognitivas do sujeito e, também, a base conceitual necessária para que o aluno possa incorporar esse novo conhecimento ao que ele já sabe. O fato é que, para pensar o currículo escolar da Geografia ou como será o plano de aula, enfrentam-se vários desafios, entre eles o de adequar os conhecimentos pedagógicos à realidade social da escola.

Retomando as observações realizadas durante a pesquisa, no caso das professoras de geografia, apesar de elas terem avançado em vários aspectos relativos à forma de organizar a aula, falta-lhes ainda a tomada de consciência no que se refere ao processo de construção dos procedimentos que estimulem a argumentação sólida para entender os problemas sociais. Uma tomada de consciência que dê a dimensão do papel da metodologia de ensino como um método de pesquisa.

Para isso, vale considerar os objetivos a serem trabalhados com os alunos. Em linhas gerais, podemos destacar alguns objetivos para o ensino de Geografia desde as séries iniciais:



**a) Capacidade de aplicação dos saberes geográficos nos trabalhos relativos a outras competências e, em particular, saber utilizar mapas e métodos de trabalho de campo:** A utilização do trabalho de campo remonta à institucionalização da Geografia escolar, em 1872, na França. No Brasil, ele aparece na proposta curricular de 1962, como atividade devidamente planejada, que estimula não só a observação, mas favorece a organização do raciocínio por meio da comparação, relação e análise, e ainda valoriza o trabalho em grupo.

O trabalho de campo é um momento especial para o aluno, já que o professor pode articular os aspectos teóricos dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula com a

observação dos fenômenos e objetos do lugar em questão. Assim, ele não será uma mera observação, mas um aprofundamento dos conceitos científicos. Por isso, é importante que, antes de levar os alunos ao local do trabalho, o professor faça um reconhecimento das potencialidades desse local e elabore um roteiro de estudo.

**b) Aumentar os conhecimentos e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais e globais. Nesse caso, destaca-se o reconhecimento do território, a compreensão das características culturais dos lugares em estudo:**

Um conceito que constitui a dimensão cultural dos lugares é o de pertencimento. Com ele, o aluno terá uma visão de suas raízes culturais, compreenderá o fluxo migratório e relacionará deslocamento e cultura. Dessa forma, o indivíduo construirá a sua identidade com o lugar de vivência e ficará estimulado para o conhecimento de sua própria identidade.

Podemos entender a cidade (contexto local) como o lugar de vivência, onde se situa a maior parte da população mundial, onde se estabelecem as relações de troca entre a produção e o consumo e onde se gestam redes de relações funcionais em múltiplas escalas superpostas. As relações sociais são predominantemente produtoras de espaços fragmentados, dicotomizados e conflitivos. Por sua diversidade criam vários tipos de território, que podem ser contínuos em áreas extensas ou descontínuos em pontos e redes, formados em diferentes escalas e dimensões. Nesse ponto é que articularemos a ideia de lugar de vivência com a de cidade, entendendo que a vida cotidiana transcorre nas redes organizadas e nos itinerários da cidade e, ainda, que as mudanças culturais produzidas pelas raízes do local ou pela globalização da sociedade, da informação e do consumo constituem um dos elementos mais significativos da organização da vida urbana. (Castellar, 2009:39)

**c) Compreender as semelhanças e diferenças entre os lugares, garantindo o domínio sobre os conhecimentos relativos a tempo e clima; geomorfologia; recursos hídricos; solo e cobertura vegetal; população; comunicação e fluxos; redes e atividades econômicas; espaços rurais e urbanos:** Esse objetivo possibilita ao aluno compreender as relações entre diferentes sociedades e a dinâmica da natureza. Isso significa não só reconhecer as características físicas dos lugares, mas comparar a organização das diferentes sociedades e como elas foram ocupando o meio físico em vários períodos históricos, utilizando técnicas e tecnologias para analisar as consequências dessas ocupações e as soluções dadas. Passa também pela compreensão do conceito de paisagem como uma dimensão do observável e como a fisionomia do território se apresenta (Santos, 1996) com alterações em função da economia, da cultura e da política.

**d) Compreender os conceitos geográficos a partir do uso da linguagem cartográfica e gráfica; reconhecer e fazer uso dessas linguagens e de outras, como diferentes gêneros textuais, imagens, audiovisuais, para explicar, analisar e propor soluções que utilizem os conceitos geográficos em situações do cotidiano:** A partir deste objetivo, o professor irá valorizar a capacidade de leitura e escrita do aluno, iniciando uma atividade interdisciplinar para aprofundar os conceitos geográficos. Ao utilizar imagens, vídeos, obras de arte ou um texto literário, pode-se estimular o aluno a compreender os conceitos geográficos, considerando não só a sua capacidade cognitiva, mas os aspectos afetivos e culturais, potencializando a aprendizagem significativa. É importante entender que essas linguagens não são meros instrumentos ou ferramentas, mas que são utilizadas como propostas voltadas para o processo de aprendizagem e para a ampliação do capital cultural do aluno.

O estabelecimento dos objetivos faz-se em função daquilo que se quer que o aluno aprenda, e não em função daquilo que se ensina. Ao escolher um percurso pedagógico, o professor facilita a decisão sobre o método e os recursos didáticos, mas não se deve transformá-lo em uma “camisa de força” ou cair em um formalismo, correndo-se o risco de torná-lo artificial.

Há que considerar que o currículo escolar não é permanente. Os conteúdos podem ser substituídos à medida que ocorram mudanças na realidade e no mundo tecnológico e científico. No entanto, eles são construídos social e culturalmente, o que significa que a escola tem um papel importante ao possibilitar a difusão do conhecimento em um contexto social, cultural e histórico.



Essa concepção sobre a organização dos conteúdos na Geografia escolar permite-nos dar uma dimensão mais profunda ao ensino. Um exemplo que cabe aqui é o uso da descrição: se dermos um corte disciplinar aos arranjos descritivos e informativos, ampliaremos a visão disciplinar mais formativa e interdisciplinar, e então a descrição e a observação passam a fazer parte do método de análise do fenômeno, portanto, de um contexto para a aprendizagem, não sendo um fim em si mesmas.

É essencial que todos tenham uma educação geográfica, cujo fim “é conseguir que os homens não se sintam mal nos seus espaços e meios, dentro de suas próprias paisagens e regiões, mas também nas paisagens e regiões de civilizações que não são as suas... Porque aí conhecerão as origens e as evoluções; ainda porque, compreendendo-as, estarão aptos a agir e transformá-las com conhecimento de causa.” (MÉRENNE-SCHOUMAKER, 1999, p. 32)

Reconhecemos que, na educação geográfica, a ação docente deve ir além das reproduções conceituais, identificando núcleos conceituais, que permitam ao aluno compreender as diferentes realidades e as relações historicamente construídas entre elas.

Nesse sentido, concordamos com Moreno (2000) e Pizzinato (2007), que apresentam aportes mais significativos para a elaboração de uma proposta metodológica inovadora para o ensino de geografia. Esses aportes, conforme organizamos abaixo, levam em consideração:

- a) a relação entre os fundamentos geográficos e pedagógicos, incluindo as orientações das análises geográficas, a história do pensamento, destacando-se o estudo das regiões, que permite estabelecer um conjunto de elementos para que o aluno entenda a organização espacial em diferentes escalas de análise;
- b) o papel do professor de geografia, considerando-se a caracterização dos estudantes e as diversas orientações pedagógicas, e que o docente é o mediador entre a construção do conhecimento e a cultura do aluno;
- c) a necessidade de a proposta para a educação básica ter como base os conteúdos geográficos a serem tratados em diferentes níveis de complexidade. É necessário abordar conteúdos e conceitos da Geografia (natureza e sociedade), estimular o raciocínio do desenvolvimento espacial, para que o aluno possa compreender o espaço em que vive. Estudar geografia, portanto, além de nos permitir conhecer outras realidades e aprender com elas, é obter conhecimentos que nos permitam utilizar as relações com outras regiões do mundo em benefício do nosso próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Considerando as várias escalas do espaço geográfico, afirma-se, como alguns geógrafos, que o conhecimento geográfico permite compreender

as relações entre a sociedade, a natureza e os arranjos espaciais (sociais e produtivos) derivados dessa dinâmica.

Do ponto de vista da organização dos procedimentos, o plano de aula pode ser um percurso que ajuda a enfatizar os conteúdos, a compreensão da dinâmica da organização do espaço, bem como os demais conteúdos que permitem o entendimento da singularidade dos lugares e as conexões entre eles. Um plano de aula pode revelar diferentes posturas de ensinar, já que a metodologia didática faz referência ao modo como o professor desenvolve a aula para melhorar a aprendizagem.

Ao organizar os procedimentos a serem desenvolvidos, os conceitos estarão vinculados aos conteúdos; por exemplo, ao estudar a cidade o aluno precisa observar, e sabemos que a construção do conhecimento novo começa com a observação de acontecimentos, objetos e fenômenos a partir de uma rede de conceitos que os alunos já têm.

Trata-se de conhecer a organização do espaço geográfico não apenas como lugar onde se encontram os objetos técnicos, transformados ou não, mas onde há, também, relações simbólicas e afetivas, que revelam as tradições e os costumes, indo além das relações entre o ser humano e a natureza e, conseqüentemente, avaliando as intervenções humanas no meio físico.

Definir uma metodologia didática significa reconhecer que, ao aprender, estabelecem-se relações conceituais, redes de conceitos estruturadas de maneira que o aluno consiga explicá-las com uma linguagem específica. Gonzalez (1999); Mortimer (2000); Novak (1984), Carvalho, Anna M. P. (2004) concordam que o construtivismo contribuiu para compreender a necessidade de conhecer as características da linguagem específica e também para entender que cada pessoa tem um jeito de aprender, sendo para isso necessário um método.

Assim, ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o aluno pode perceber a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, o que significa também compreender o processo de construção de sua identidade individual e coletiva.

Na educação geográfica, para atingir a compreensão necessária do mundo, é importante formular hipóteses a partir de observações, para posterior comprovação e análise. O passo fundamental para esse processo de análise é ter a prática científica articulada com o desenvolvimento teórico, ou seja, a dimensão da prática pedagógica e da epistemologia da ciência geográfica.

A Geografia estuda o significado da localização dos fenômenos, o território, as divisões, regiões ou país, descrevendo os lugares, interpretando as diferentes seções espaciais e momentos históricos. O ato de ensinar Geografia coloca-nos sempre uma questão, a de como evitar que aumente a separação entre a Geografia acadêmica e a escolar, legitimando o saber geográfico e repensando seus conteúdos.

Estudar as mudanças nos sítios geográficos e relacioná-los à ocupação dos lugares no passado e no presente, mostrando que não é possível entender as transformações das cidades e do campo sem compreender a dinâmica da natureza, implica conceitos geográficos que necessitam da referência do método de análise a partir da dimensão epistemológica das categorias geográficas. Esses estudos acontecem sem uma transposição direta do conhecimento acadêmico, devendo-se então considerar as conexões com o sentido





de território e lugar que o aluno vivencia, estabelecendo-se um diálogo entre o campo epistemológico e o campo da aprendizagem.

O problema não é tanto definir o saber geográfico que deve ser ensinado, mas entender como o aluno está aprendendo. Devemos ter clareza de que um aluno pode formular um enunciado sem, no entanto, entender o seu verdadeiro significado, ou pode saber o sentido do fenômeno, mas com pouco nível de formulação. Por isso, é importante estabelecer, no processo de aprendizagem, quais são os níveis de formulação de um conceito para cada série e idade, e quais são os níveis científicos para se ensinarem conceitos. Pode-se organizar um mapa conceitual, por exemplo, para que o aluno compreenda o conceito de espaço geográfico e o relacione aos conceitos de território, sociedade, lugar, paisagem, poder, solo, cultura e trabalho. Devem-se organizar, portanto, ações didáticas eficazes de aprendizagem.



A interpretação dos fenômenos geográficos ganha significado quando o aluno entende a diversidade de organização dos lugares, as redes construídas no cotidiano pelos deslocamentos entre os lugares frequentados, como a escola, a casa de amigos e parentes, a praça ou o supermercado. Essas redes formam trajetos que permitem mapear e localizar cada um desses lugares. Na educação geográfica, o estudo das relações entre os fenômenos em várias escalas de análise depende

da leitura e interpretação dos mapas.

Compreender a Geografia do lugar onde se vive significa saber que as paisagens são diferentes e que podemos encontrar construções de concepções arquitetônicas diferentes em uma mesma rua; compreender os fluxos de pessoas e mercadorias; as áreas de lazer, industriais e comerciais; e reconhecer, cartograficamente, as áreas rurais e urbanas dos diferentes lugares. O que diferencia essa compreensão são os métodos principais de organização do conhecimento geográfico. Quando assumimos a compreensão do conceito, por exemplo, a partir da observação do lugar, contribuimos para que o aluno estabeleça uma ordem espacial e entenda a localização espacial, além das consequências e causas dessa localização. Para nós, isso dá significado à localização, corroborando Carlos (1999). Ao estudar Geografia lendo fenômenos geográficos em diferentes escalas – de análise e cartográfica –, o aluno é mobilizado a entender o seu cotidiano, comparando e relacionando fatos e fenômenos, notando diferenças e semelhanças entre as paisagens de vários lugares do mundo. Assim, ele pode perceber, por exemplo, as formas de uma representação gráfica ou cartográfica da Terra a partir de imagens que se constroem empiricamente, observando o Sol, o céu, os pontos de referência, vinculando informações e reconhecendo os lugares para além do lugar de vivência do aluno.

Se o objeto da Geografia é o **espaço geográfico**, a partir dele pode-se definir com rigor a interpretação e a organização dos lugares em vários países do mundo, e elaborar um estudo de ordenamento territorial ou mesmo geopolítico. Para isso, é necessário que os conteúdos estejam relacionados com os objetivos ou expectativas de aprendizagem definidos pelo professor, de maneira que possamos afirmar que um conjunto de conteúdos referenciado nos conhecimentos dos métodos geográficos permite situar procedimentos e propor problemas geográficos. Nesse sentido é que propomos uma aprendizagem significativa e estimuladora de mudanças conceituais, com base na linguagem cartográfica.

Para isso, é imprescindível criar um ambiente de aula que permita ao aluno relacionar seus esquemas cognitivos, como os mapas mentais, com as informações que os professores apresentam em sala de aula.

Estruturar o currículo da Geografia escolar implica, como afirma González (1999, p. 291), saber integrar os conteúdos (relevo, vegetação, solos, atividade agrária e industrial, vias de transporte...), relacionar as variáveis ecogeográficas (insolação, cultivos...) de um sistema, e explicar, a partir de teorias e conceitos, a multifatorialidade da organização regional, que inclui dimensões culturais.

O discurso da educação geográfica fará, assim, muito mais sentido: o diálogo entre a didática e o conhecimento geográfico acadêmico começará a fazer parte da história de vida do aluno na sala de aula.

Com essas ideias, buscamos superar o senso comum presente no imaginário e no cotidiano das escolas – nosso real desafio – a respeito da Geografia escolar, que a torna uma disciplina pouco respeitada. Para Moreira (2007, p. 21), a questão é estabelecer um novo olhar, converter, por exemplo, o discurso sobre as paisagens em um corpo de linguagem conceitual que as veja como uma realidade em movimento, superando o velho modo de olhar, preso à apreensão fixa das localizações, às velhas técnicas de descrição e à velha linguagem cartesiana dos mapas. Do ponto de vista da Geografia escolar, pode-se afirmar que esse velho modo é o descritivo, descontextualizado, com conteúdos sem significado para o aluno.



Ensinar Geografia significa possibilitar que o aluno raciocine geograficamente sobre o espaço terrestre em diferentes escalas, em uma dimensão cultural, econômica, ambiental e social. Além disso, é permitir que o aluno perceba a imagem gráfica ou a representação cartográfica da superfície da Terra de forma criteriosa e com o devido rigor científico.

A interligação dos saberes efetiva-se por meio do uso metodológico da escala de análise, da escala dos fenômenos e da escala da representação e, dessa maneira, os alunos poderão sentir-se autores do seu conhecimento. Essas referências contribuirão para o entendimento e construção dos conceitos, necessários para a leitura da realidade por meio da geografia.

Um aspecto do processo de construção do conhecimento a se destacar é o fato de as atividades de aprendizagem serem incertas, nem sempre sendo possível garantir uma apropriação integral; mas é importante considerar a qualidade do processo, não a quantidade. Queremos afirmar que o fato de o aluno compreender o conteúdo, realizar algumas tarefas e dar significado ao que está aprendendo já é um passo importante. Durante as aulas, a maneira como os novos conceitos são apresentados e as estratégias são negociadas reflete-se na maneira como os alunos irão reconhecê-los e, portanto, na maneira como ocorrerá o processo de ensino e de aprendizagem.



Acesse o ambiente virtual do Curso e realize as atividades do Tópico 3.

## Finalizando...



Assumimos, no entanto, a ideia de que a formação de conceitos é um processo progressivo, e que se dá desde o início por redes de conceitos. Não se pode aprender um conceito único, destituído de outros. Essa ideia é importante para pensarmos como se ensina Geografia: se descontextualizamos e apresentamos os conteúdos desarticulados, os conceitos não farão sentido para o aluno.

A compreensão do aluno a respeito de um conceito está relacionada com as representações que ele tem dos objetos e fenômenos da realidade e com o modo como essas representações são socialmente construídas por ele, de maneira que fazem parte desse processo de apreensão conceitual as emoções e sentimentos provocados durante a sua aprendizagem.



Ao considerar os procedimentos como conteúdos curriculares, abrimos a possibilidade de analisar a vertente da metodologia do ensino e a didática da Geografia no ensino. A realização de aulas explicativas não garante que os alunos aprendam. Insistimos que os professores devem ter clareza do papel da didática de Geografia e propor situações de ensino que garantam a aprendizagem, sem deixar de valorizar o método. A aprendizagem pode ocorrer em função da maneira como se conduz a aula, partindo, por exemplo, do conhecimento prévio dos alunos e da definição de um problema.

Tornar-se um educador geográfico implica um conhecimento constantemente crescente sobre o objeto geográfico, mas, sobretudo, um conhecimento sobre o papel das ações desenvolvidas no projeto pedagógico, visando à construção planejada do conhecimento do objeto. O educador domina o conteúdo, mas tem acima de tudo a visão estratégica de sua ação no projeto de ensino da escola.

No final deste texto, retomamos o título do filme que comentávamos no início, *Entre os muros da Escola*, para apresentar os limites que entendemos ser necessário superar para que possam ocorrer situações de aprendizagem na escola. Nesse caso, afirmariamos que o nosso desejo está além dos muros da escola. E para que isso aconteça lançamos as seguintes ideias como necessárias - a superação de quatro limites formais:

**a) o limite físico formal:** acreditamos que o processo de aprendizagem precisa ultrapassar os limites físicos da sala de aula, indo em busca de outros espaços na escola e fora dela, em outras instituições e em trabalhos de campo para se estudar e conhecer a cidade por meio de projetos educativos.

**b) o limite formal da disciplina:** superar a barreira do conhecimento centrado no professor, estabelecendo diálogos entre professores e entre professores e alunos, integrando conhecimentos formais com os não-formais, com o conhecimento que é adquirido na família, na comunidade e na sociedade. Superar a ideia formal das disciplinas, estabelecendo interlocuções inclusive com o conhecimento científico, sem torná-lo único ou verdadeiro, mas apropriando-se dele criticamente, levando em consideração que os saberes dos alunos são importantes, mas o conhecimento científico também o é. E, ao se apropriar deles, pode-se ampliar o sentido do aluno-cidadão, o que pensa, elabora e argumenta.



c) o limite metodológico, pelo qual só fazemos o que dá certo ou consideramos que outras propostas didáticas são modismos, sem correr riscos: propor situações de aprendizagem diferentes, estabelecer projetos educativos, problematizações, debates, fóruns..., enfim todas as ações didáticas que possibilitem a aprendizagem.

d) o limite de tratar na Geografia escolar a Geografia física e humana: superar a dicotomia, a fragmentação entre as geografias, tratando a disciplina com a concepção natureza-humana e econômica (N-H-E), superando a descontextualização ao ensiná-la a partir do cotidiano da cidade, dos lugares de referência do aluno por meio da linguagem cartográfica e com fundamentos teórico-metodológicos.

## Referências bibliográficas

- CARDONA, F. Xavier Hernández. **Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**. Barcelona: Graó, 2002. v. 169.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do espaço. In: CARLOS, Ana Fani. Alessandri (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 173-186.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Critérios estruturantes para o ensino de ciências. In: CARVALHO, Ana Maria Pessoa de (Org.). **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2004. p. 1-17.
- CARVALHO, Carlos Delgado. **Metodologia do Ensino geográfico**. Petrópolis, tipografia das "Vozes de Petrópolis", 1925.
- CASO, María Victoria Fernández. Discursos y prácticas en la construcción de un temario escolar en geografía. In: CASO, María Victoria Fernández; GUREVICH, Raquel. **Geografía. Nuevos temas, nuevas preguntas. Un temario para la enseñanza**. Buenos Aires: Biblos, 2007.
- CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. A percepção do espaço e a distinção entre o objeto e seu nome. **Cadernos Cedes: Ensino de Geografia**. Campinas, nº 39, p. 88-96, dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem. In **La espesura del lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. GARRIDO, Marcelo (org.). Universidad Academia de Humanismo Cristiano, Chile, 2009.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006.
- \_\_\_\_\_. Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In **Educação geográfica: Teorias e práticas docentes**, CASTELLAR, Sonia (org.) São Paulo, Contexto, 2005b. Novas abordagens GEOUSP. Vol. 5. p. 66-78.
- GONZÁLEZ, Xosé Manuel Souto. **Didáctica de la Geografía**. Barcelona: Del Serbal, 1999.
- MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernardette. **Didáctica da Geografia**. Porto: ASA, 1999. Coleção Horizontes da Didáctica.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MORENO, Elsa Amanda R. **Geografía Conceptual**. Enseñanza y Aprendizaje de la Geografía en Educación Básica Primaria. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2000.
- MORTIMER, Eduardo F. **Linguagem e formação de conceitos no ensino de Ciências**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- NOVAK, Joseph D; GOWIN, D. Bob. **Aprender a aprender**. Lisboa: Plátano, 1984.

PIZZINATO, Liliana Angélica R. **Una Geografía escolar (in)visible**: desarrollo del pensamiento espacial desde la construcción de conceptos geográficos. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. São Paulo, Hucitec, 1996.

## Ampliando o conhecimento



**Entre os muros da escola** (*Entre les Murs*). França, 2007.

Direção: Laurent Cantet. 128 min.

RedeFor